

Bom dia Sara e Lisa,

Quero falar sobre meu intercâmbio cultural com Giovana Pergentino.

Eu e Giovana temos quase a mesma idade e estamos em sincronia porque concordamos em muitas coisas, uma delas todos é o desejo de [viajar](#) e descobrir o mundo.

E é exatamente sobre viajar que eu quero falar para vocês hoje.

Desde a nossa primeira reunião, contamos uma ao outra sobre as viagens que fizemos, as viagens atuais e as que gostaríamos de fazer no futuro.

Viajar, para nós, não é um hobby mas um componente essencial, que nos permite descobrir como o mundo é feito em todas as suas nuances, ter uma mente viva e aberta.

Somos duas garotas empreendedoras: ela é brasileira e teve a oportunidade de visitar os Estados Unidos e Portugal, onde mora e está terminando a universidade, por motivos de estudo.

Ela também viu metade da Europa.

Eu sou italiana, ainda não visitei os Estados Unidos, mas já vi muitos países europeus e um pedaço da África.

O que nos une é a universidade, na verdade ela veio a Pádua, na Itália, por alguns meses de Erasmus. E foi graças ao seu Erasmus que nos conhecemos e pudemos trocar muitas opiniões interessantes.

VIAJAR

"Um bom viajante não tem planos precisos e seu objetivo não é chegar"

Lao Tsé

Eu acredito que cada pessoa tem a sua própria visão de viagem; do mais banal, onde viajar é visto como sinônimo de férias (sair de casa para chegar a um lugar onde pode passar uma semana inteira ou mais em total relaxamento), até ver uma viagem até mesmo ver a estrada que leva de casa para Universidade, talvez por transporte público, como uma viagem. Pessoalmente, eu sou o segundo tipo de pessoa.

Desde que comecei a universidade, viajei tantos quilômetros de trem que perdi a conta e todas as viagens que já fiz nunca foram as mesmas. Cada viagem tem suas próprias emoção, humores e vicissitudes, que permitem crescer mentalmente, melhorar seu espírito de adaptação e apreciar o que nos rodeia. Naturalmente, uma jornada para chegar à Universidade é tão significativa, mas nunca tanto quanto uma jornada real, uma daquelas onde está você e o mundo, longe de casa e do seu conforto, onde se envolver para entender quem você realmente é, o que é você realmente quer e onde, frequentemente, excede seus limites mesmo que involuntariamente.

Atualmente, tenho 24 anos e não posso dizer que tenho uma grande experiência com o mundo, mas tenho alguns episódios que me marcaram e gostaria de contar sobre isso.

Uma das últimas aventuras que experimentei foi em uma ilha africana no último verão, talvez uma das viagens mais significativas que já fiz, na companhia de meu namorado.

Organizamos tudo sozinhos, quatro dias antes de partir; reservamos um apartamento, pegamos um avião (estilo dos anos 80) e partimos.

Esta ilha, embora turística nos meses de inverno, é muito espartana fora dos resorts e atrações.

No local, há microônibus que, uma vez cheios, permitem ir de norte a sul da ilha (e vice-versa) a um custo insignificante.

Pegamos um desses ônibus, geralmente usado apenas pelos locais, e chegamos a uma cidade longe de ser turística.

Nós éramos os únicos dois turistas, com cada passo dado havia mais dois olhos em nós.

Foi um sentimento muito especial.

Após o constrangimento e a admiração iniciais, timidamente começamos a passear por esse local como se nada tivesse acontecido, tentando tirar algumas fotos dos alfaiates que trabalharam ao longo do caminho.

Por causa dessa foto, fomos imediatamente chamados a atenção por um dos alfaiates e pelos seus clientes que estavam esperando, sentados no banco com roupas para colocar nas mãos. O alfaiate nos disse que deveríamos ter perguntado, antes de tirar uma foto deles, pedimos desculpas e começamos a perguntar o que estavam fazendo e o que estavam fazendo na vida. Eles responderam, perguntando-nos as mesmas coisas e, depois de termos arrancado um sorriso maravilhoso daqueles dentes brancos como a neve, nos despedimos e voltamos a caminho.



Pouco tempo depois, conhecemos crianças: algumas brincavam no pátio, enquanto outras olhavam pela janela e ambas,



assim que nos viram, riram (acho que eles nos acharam diferentes deles). Mas uma saudação com a mão ou a palavra "*Como se chama você?*" foi o suficiente para quebrar o muro invisível que nos separava deles.

Viver em um lugar como esse me fez apreciar a maneira de encarar a vida; as barreiras entre os povos não têm senso de existência, porque somos todos iguais, somos seres humanos capazes de pensar, respirar e amar da mesma maneira, independentemente do país de origem. De fato,

devemos admirar pessoas de culturas diferentes da nossa, porque eles não podem fazer nada além de enriquecer-nos como pessoas e como saber.

Eu admirava aquelas crianças que sorriam para mim felizes, puras e inconscientes do que acontecia fora do jardim, que brincavam com o cachorro e nada mais. Lembrei-me de quando eu era pequena, que eu não era muito diferente deles, eu era exatamente assim.

Eu conheci crianças que me perguntaram se eu oferecia a eles um sorvete ou algo para comer e, os pedidos deles, fizeram meu coração derreter (mesmo que estejam satisfeitos com pouco, do meu ponto de vista).

No começo, abri este pequeno parágrafo com uma citação de um ensaio chinês, Lao Tse, e acho que anda de mãos dadas com a filosofia da minha viagem: internalizei a realidade que conheci e pude apreciar a vida na simplicidade de um sorriso (contagioso).

Voltei com a consciência e o desejo de partir o mais rápido possível para amar o que o mundo me oferece e poder oferecer ao mundo o que aprendi a amar graças à minha experiência.

INTERCÂMBIO CULTURAL

Meu intercâmbio cultural com Giovana foi realmente muito divertido (na foto, da esquerda: Giovana e eu).

Embora não tenhamos nos visto muitas vezes, consegui captar muitas nuances de nossas reuniões.

Como já contei em algum diário anterior, nunca estudei português e decidi seguir esse caminho usando o português como idioma de destino, pois, depois de visitar Portugal, literalmente me apaixonei. Acho uma língua tão doce que, quando ouço alguém falar em português, derreto. Eu realmente gosto disso.

Quando conheci Giovana, sabia muito pouco e, portanto, frequentemente interagimos em inglês. Também porque ela havia chegado recentemente à Itália.



Graças a ela, devo dizer que aprendi várias terminologias comuns e sou grata a ela por ter me dedicado paciência e tempo para mim e minhas deficiências.

Como você deve ter adivinhado, Giovana e eu nos conhecemos pessoalmente na universidade, já que ela já estava aqui no Erasmus, então só completei os diários e discussões no fórum on-line e, provavelmente, era melhor assim, pois eu sempre poderia ter feedback imediato de nossas reuniões.

Apesar disso, acredito que os diários são muito úteis, além de uma ótima maneira de praticar seu idioma de destino, entender seus limites e erros e melhorar seu auto-aprendizado. Mais importante, a correção dos mesmos diários é essencial para entender o que estava errado e tentar não cometer os mesmos erros novamente.

Toda vez que nos encontrávamos, chegava em casa satisfeita porque havia aprendido algo novo, tanto em termos de idioma quanto de cultura/vida.

Eu darei um exemplo; conheço várias pessoas, especialmente minha idade, com quem troco opiniões sobre o que faço ou estudo e todos temos hábitos mais ou menos comuns (talvez um pouco limitados também pelo ambiente).

Um dia eu estava conversando com Giovana e eu disse a ela que gostaria de tentar surfar, e ela me disse que ela e sua mãe estão surfando e, em particular, sua mãe é muito boa.

Eu estaria rindo se visse minha mãe com uma prancha de surf, um pouco porque onde moro não há ondas oceânicas para surfar, um pouco porque minha mãe é tão preguiçosa que poderia muito bem ser confundida com uma preguiça.

Quando ela me contou, fiquei impressionada e não queria acreditar: é incrível como seus hábitos e maneiras de fazer mudam com base na sua posição em relação ao meridiano de Greenwich. Você não acha?

É uma experiência que eu recomendaria a qualquer pessoa que queira aprimorar até mesmo suas habilidades (não necessariamente acessar o Erasmus) em um idioma de destino (como o inglês, por exemplo), porque permite: colocar-se frente a frente com ele, sair da sua área de conforto e realmente aprender (não "do livro" ou da maneira usual da "escola") e saber como é difícil ensinar sua língua nativa!

Sim, ensinar sua língua materna não é nada fácil, especialmente para aqueles que não estão acostumados a explicar por que certas frases são usadas em vez de outras (a resposta na maioria das vezes é: "hábito").

Juro que nunca teria dito isso.

Ter um companheira de viagem como Giovana para minha primeira auto-aprendizagem foi fundamental porque fez a experiência viva, dinâmica, atual e estimulante.

Muito obrigada!

Pádua, 10 de Fevereiro de 2020

Greta Cavedon

greta.cavedon@studenti.unipd.it

N.B. Obrigadinha Giovana, pelas correções.



UNIVERSITÀ
DEGLI STUDI
DI PADOVA

Centro Linguistico di Ateneo



Label europeo delle lingue

E-tandem
LEARNING



Erasmus+
Virtual Exchange
INTERCULTURAL LEARNING EXPERIENCES

Approfondimento linguistico e culturale

ATTESTATO DI PARTECIPAZIONE CERTIFICATE OF PARTICIPATION

Si attesta che

This is to certify that

Greta Cavedon

da novembre 2019 a febbraio 2020 ha partecipato al progetto

e-Tandem Learning

organizzato dal Centro Linguistico di Ateneo dell'Università degli Studi di Padova.

Come prova delle attività svolte, la studentessa ha consegnato alcuni diari, una tesina e 2 questionari finali.

took part in the e-Tandem Learning project organized by the University Language Center of Padua from November 2019 to February 2020. As proof of her activities, the student filled in and updated some learning diaries, an essay and 2 feedback forms, which were handed in at the end of the project.

Padova, 25/02/2020

Prof.ssa Caroline Clark
Direttrice del Centro Linguistico di Ateneo



